

A formação da identidade nacional brasileira em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, e o (re)contar da história Angolana na *Gloriosa Família*, de Pepetela

Luciene Araújo de ALMEIDA (PG/FL/UFG)

luayaba@gmail.com

Orientadora: Marilúcia Mendes RAMOS (D/FL/UFG)

profamariluciaramos@gmail.com

Palavras - chave: história; literatura brasileira e angolana

De acordo com Leyla Perrone-Moisés (2007, p.24), “esquecer nossas origens é perder nossa identidade”, portanto manter a memória é, ao contrário, uma maneira de fortalecer nossa riqueza cultural, valorizando, inclusive, a diversidade que nos constitui. A história do Brasil tem suas raízes tentaculares fincadas em vários países da África, o que resulta em uma diversidade étnico-racial facilmente perceptível por todo o território nacional, expressa na música, na dança, na culinária, na nossa língua portuguesa e em inúmeras atividades em nosso cotidiano. De acordo com as novas linhas de pensamento sobre a nossa história, é preciso rever os modos de construção de nossas memórias, pois o discurso utilizado para construir a memória da época da colonização não mais atende às mudanças político-sociais pelas quais o país vem passando desde fins do século XIX e, mais acentuadamente, desde fins do século XX. Assim, atualizar o discurso e os materiais utilizados para a construção da memória vem sendo a maior preocupação dos novos historiadores.

A literatura tem papel preponderante nessa reflexão sobre os novos discursos, sendo que, como afirma Fuentes (apud ESTEVES, 2010, p. 22) a literatura conquistou o direito de criticar o mundo após ter demonstrado a capacidade de se criticar a si própria: ela propõe a possibilidade da imaginação verbal como uma realidade não menos real que a narrativa histórica. Observamos nas narrativas contemporâneas esse movimento criativo e crítico, vários são os escritores contemporâneos que tem utilizado o fato histórico em suas produções literárias, em *Literatura e Sociedade* (1980), Cândido afirma que a arte, e, conseqüentemente, a literatura, é social. Logo, pode manifestar-se em função de ações, fatores externos, que influenciam tanto a produção quanto a recepção das obras. Esse diálogo constante com o contexto histórico possibilita as transformações que observamos quando analisamos a materialidade literária. Para exemplificar esse movimento analisemos os romances históricos do século XIX, assim classificado por Lukács,

essas obras foram fundamentais para fortalecer a identidade das nações no período. Para isso, destacava-se a imagem dos heróis nacionais, contando os grandes feitos das referidas nações. Já o novo romance histórico, assim classificado por Menton e Ainsa, irá problematizar o que foi estabelecido pelo discurso histórico oficial, dando voz aos esquecidos e aos vencidos. Será nessa perspectiva que analisaremos os romances de João Ubaldo e Pepetela, observando nos romances selecionados como esses dois escritores dão voz aos silenciados pelo discurso histórico.

Instigados pelo pressuposto de António Cândido, quando esse teoriza acerca da relação entre literatura e sociedade, é possível discutir se, teria sido impulsionado pelos estudos da *nouvelle histoire* que João Ubaldo escreveu seu volumoso romance, *Viva o povo Brasileiro* (1984) que nos convidando a pensar ainda hoje: quem somos nós, brasileiro? Como nos constituímos? Quem são nossos heróis?

Considerando que para entendermos nossa história faz-se necessário conhecer e compreender a história dos povos que nos irmanam, escolhemos para analisar, de forma comparada, o romance *A gloriosa família*, do autor angolano Pepetela, que participou ativamente do processo de libertação do povo angolano da colonização portuguesa. Nesse romance o autor (re)visita um período da história angolana, a invasão holandesa. Somos convidados a conhecer esse período da história angolana pelo olhar e pela voz de um narrador que vivenciou os fatos, nos apresentando outra possibilidade para esse fato registrado pela história oficial. Considerando que assim como João Ubaldo que escreve seu romance no momento de abertura política do país, após anos de ditadura militar, Pepetela escreverá o seu romance no momento em que Angola busca conhecer sua história para assim, quem sabe, afirmar sua identidade, uma vez que a guerra de independência devolveu ao povo angolano o poder sobre sua terra.

Ao estudar os romances *Viva o povo brasileiro* e *A gloriosa família*, percebemos diversos pontos de convergência. Em primeiro lugar, observamos que tanto João Ubaldo quanto Pepetela têm como projeto a análise crítica do processo de formação da identidade da nação em seus respectivos países. Esse projeto perpassa pela imagem historicamente construída dos “heróis”, os quais são desmistificados pelas narrativas. O objetivo, para ambos os autores, parece ser o de abalar a imagem do herói nacional e rebaixá-lo a condição de pessoas comuns e passíveis de falhas, desconstruindo assim a idéia de mito que os heróis em geral possuem.

Para tanto são utilizadas várias estratégias, dentre as quais podemos citar, João Ubaldo utiliza fontes históricas, porém com uma visão menos acadêmica, já que o enredo do romance trata justamente do ponto de vista daquele que comumente não tem voz nos livros, ou seja, o pobre, o negro e a mulher. Em *Viva o povo brasileiro*, temos um pano de fundo histórico que é colocado em cheque todo o tempo por um narrador que adere ao discurso do povo, procurando com isto dar voz àquele que estava silenciado pelo discurso oficial. O mesmo narrador se afasta do discurso da elite, ironizando o seu modo de vida e seus costumes.

Já *A gloriosa família* de Pepetela é uma narrativa que relê um episódio da história angolana, mais precisamente os sete anos (de 1642 a 1648) em que os holandeses, estabelecidos com a Companhia das Índias Ocidentais, invadiram o território Angolano, anteriormente invadido por Portugal. De forma irônica o narrador nos apresenta personagens envolvidos nesse lamentável episódio da história Angolana e Brasileira: “O meu dono seguia o hábito dos outros brancos, fossem mafulos fossem portugueses, que nos chamavam bárbaros por tomarmos banho sempre que podíamos e disso fazemos uma festa”. (1999; p.31) Ou: “A prata e o ouro devem servir para outros fins, não para decorar lugares de culto. O incorruptível Calvino ensinou isso”. (idem, p. 37) Por esses excertos podemos perceber como a narrativa vai sendo construída de forma irônica, e agora, diferente nas narrativas eurocêntrica, não é mais o olhar do branco sobre o negro, e sim, esse (o negro) que toma à pena, ou melhor, a pomba, e conta sua história.

Dessa maneira, é possível levantar pontos em comum entre as duas obras, em especial, ao observamos que os escritores das obras citadas fazem uma literatura engajada num projeto de revisão da história de seus respectivos países para melhor entender o presente, posicionamento de escritores sobre o qual a crítica vem se dedicando nos últimos anos. Essas literaturas engajadas de língua portuguesa completam um macrossistema (como bem aborda Benjamin Abdala Júnior) que envolve tanto a escrita em uma língua em comum como pontos de convergência histórica e ideológica entre os países. Segundo Benjamin Abdala Junior: “nossos países procuram afirmações no contexto internacional, para uma ênfase nos traços definidores de nossas identidades nacionais” (1989, p. 11). É intenção dos autores com essas obras encontrar nas suas idiossincrasias a sua força de nação diante de um opressor contexto internacional, ou seja, uma oposição ao pensamento globalizador que por hora domina a cena cultural mundial.

Ao falar em macrossistema, Benjamin Abdala Junior não exclui a noção de particularidade de cada nação falante da língua portuguesa, pelo contrário. Segundo este crítico há “um conjunto invariante abstrato (o macrossistema), concretizado em cada variante nacional (sistema). Um conjunto dialético que envolve a antiga metrópole e suas ex-colônias sem imposições e sem falácia de padrões pretensamente superiores” (1989, p. 18). As confluências que surgem desse macrossistema remetem a história em comum dos países de língua portuguesa e não impedem que as diferenças de cada sistema nacional apareçam. O que, da mesma forma, permite que as singularidades de cada literatura demonstrem valor próprio, o que não significa que uma é melhor em relação à outra, mas sim que cada uma tem o seu diferencial, o que permite que cada uma se apresente como obras de grande valor literário.

Para compreender melhor o nosso passado e as nossas relações com as nações irmãs, o ideal seria que visitássemos os documentos oficiais da nossa história, no entanto, sabemos, hoje, que apenas o discurso histórico não consegue abarcar toda a complexidade e todas as possibilidades que o fato histórico nos apresenta. Sendo assim a literatura pode nos ajudar a conhecer e dialogar de forma mais abrangente com esse passado. Vale destacar que literatura e história são matérias que sempre caminharam muito próximas e por vezes foram confundidas, observemos a seguinte passagem da *Poética* de Aristóteles:

Não é ofício do poeta narrar o que realmente aconteceu; é sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem do historiador e o poeta, por escreverem em versos ou prosa (...) – diferem sim em que diz um as coisas que sucederam, e outro as coisas que poderiam suceder (1997, p.28).

Para entender melhor a construção dos livros selecionados desenvolvo uma pesquisa bibliográfica, sendo que utilizo ao longo da pesquisa autores que dialogam com a temática proposta. Partindo de teóricos que abordam o problema do romance histórico, como George Lukács, até chegar aos teóricos do novo romance histórico, como Seymour Menton.

Tânia Pellegrini, em artigo intitulado; *Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?* discute alguns elementos do romance contemporâneo:

O novo romance histórico (tanto o brasileiro quanto o “internacional”) reinterpreta o fato histórico, lançando mão de uma série de artimanhas ficcionais, que vão desde a ambigüidade até a presença do fantástico, inventando situações, alterando fatos, deformando perspectivas, fazendo conviver personagens reais e fictícias, subvertendo as categorias de tempo e espaço, usando meias tintas, subtextos e

intertextos – recursos da ficção e não da história.(...)São textos que pretendem questionar a veracidade do discurso histórico e também se auto questionar, dobrando-se sobre si mesmos, desmistificando a representação e frisando a incapacidade de significar uma “verdade única”(2001p.60-1).

Acredito que os romances selecionados são emblemáticos, quando pensamos este tipo de romance. Na obra *Viva o povo brasileiro* o autor empenha-se em promover a desconstrução do discurso histórico oficial, e ainda reconstrói a história por outro prisma. João Ubaldo cria um romance em que o marginalizado, o oprimido e espoliado têm voz. Já com Pepetela somos convidados a revisitar a história angolana em *A gloriosa família*, mostrando o que há por detrás de entidades conhecidas apenas superficialmente, como a famosa Companhia das Índias Ocidentais. Temos um narrador benjaminiano, que observa a história, que assiste aos fatos, que convive com as personagens, sendo assim a palavra desse narrador está relacionada à sabedoria que decorre do saber de experiência feito. No entanto, esse narrador não estaria apto a nos contar essa história, uma vez que é mudo e analfabeto, mas ao fazer esse movimento Pepetela ilumina a condição do negro na história, alterando a condição de objetos, imposta pelo branco, transformando o negro em sujeitos narrador de suas histórias, pois é por ele e através dele que conheceremos a história angolana.

Portanto, essa pesquisa tem como objetivo identificar como João Ubaldo Ribeiro e Pepetela constroem esse Outro a quem a História sempre silenciou. Analisando as relações entre literatura e história, a partir dos estudos propostos pela “nova história”; buscando na história da literatura brasileira e angolana como foi possível o surgimento de uma literatura que conte a história pela perspectiva dos perdedores. E por fim investigando como os dois romances se relacionam no macrossistema literário de língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A poética clássica*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- BENJAMIN, Walter. O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Obras escolhidas – vol. 1*. Trad.: Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- JUNIOR, Benjamin Abdala. *Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX*. São Paulo: Ática, 1989.
- PELLEGRINI, Tânia. *Ficção brasileira contemporânea: assimilação ou resistência?* Novos Rumos, São Paulo, n. 35, p.54-65, 2001.
- PEPETELA, *A gloriosa família – o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cultura latino-americana, entre a globalização e o folclore. In: *Vira e mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.